

União pelas cotas

A União Nacional dos Estudantes (UNE) começou a mobilizar diversos setores da sociedade, como artistas, influenciadores e organizações civis, para pressionar o Congresso Nacional pela renovação e pelo aprimoramento da Lei de Cotas nas instituições de ensino federal. A entidade lançou a campanha Eu defendo as cotas — Esse é o Brasil que a gente aprova e aproveitou o Ato pela Terra, no último dia 9, na Esplanada dos Ministérios, para unir forças. Criolo, Emicida, Elisa Lucinda, Duda Beat, Seu Jorge e Lázaro Ramos (foto) estão entre os que abraçaram a iniciativa. A Lei 12.711/12 completa uma década neste ano e, conforme um processo previsto em seu artigo sétimo, terá que ser revisada. Há um temor de que a polarização partidária prejudique a política pública. “Não temos qualquer dúvida sobre a vigência da reserva de vagas, mas, na revisão da lei, ela deve ser aprimorada, com o objetivo de aperfeiçoar a permanência estudantil, implementar metas e fortalecer o monitoramento”, diz Bruna Brelaz (foto), presidente da UNE.

Divulgação UNE



Sinpro lança documentário

O Sindicato dos Professores do Distrito Federal (Sinpro-DF) lançará, amanhã, o documentário *O baobá*, ambientado no plantio da tradicional árvore africana, em novembro, na chácara da entidade. A obra, de nove minutos, traz entrevistas com especialistas e militantes da luta antirracista, que falam sobre a importância do baobá para os povos africanos no continente e na diáspora. “No Brasil, essas árvores representam a resistência dos povos escravizados. Sua presença é marcante nos locais de maior ocupação negra no período escravocrata”, diz Márcia Gilda, coordenadora de Assuntos de Raça e Sexualidade do sindicato. Aqui no DF, as árvores formam o Recanto dos Baobás, uma homenagem a mulheres brasileiras que protagonizaram a luta antirracista. O lançamento da obra será às 19h, na sede do sindicato, e faz parte da comemoração dos 43 anos da entidade.

21 de março

É o Dia Internacional pela Eliminação da Discriminação Racial. A data foi criada pelas Nações Unidas em memória ao Massacre de Sharpeville, na África do Sul. Em 1960, mais de 20 mil pessoas protestavam contra o passe, uma lei que limitava os locais em que a população negra poderia circular, quando foram reprimidas violentamente pela polícia. Sessenta e nove pessoas morreram e centenas ficaram feridas. A ONU instituiu a data nove anos depois, mas a reflexão vale para todos os dias: E você? O que tem feito para que negros e negras não tenham seus horizontes cerceados?

Também falamos sobre: dois anos de pandemia

Joana D'arc G. Silva,
infectologista

Quais lições tiramos desses dois anos de crise sanitária?

A gente observou uma exacerbação de diferentes problemas, como sociais, psíquicos e econômicos, além da exposição das nossas fragilidades. Estamos lidando com uma doença que atinge a todos. Passamos, por exemplo, por períodos em que o dinheiro não representava muita coisa. As pessoas tinham dinheiro, mas não tinham acesso a uma UTI. Nesses dois anos, fica a lição de que precisamos ter um mundo mais humanizado, e que a fragilidade de um país pode interferir no outro. O fato de não existir uma sociedade igualitária, em que todos têm um acesso mínimo aos serviços de saúde, dificulta o manejo da economia, o manejo de determinadas doenças e acaba sendo um risco global.

Marcelo Ferreira/CB/DA Press



E o que muda para os profissionais de saúde?

Nesse cenário de dor, também houve um crescimento, um amadurecimento. Ficou

evidente que nossa conduta, como profissionais de saúde, precisa ser sempre pautada pela ciência, não pelo calor das emoções. Precisamos

de ações estruturantes e parar de trocar a telha da casa quando está chovendo. Além disso, a ciência inovou muito. Vários cientistas puderam

demonstrar a eficácia de abordagens que vinham estudando há anos. A pandemia foi o momento de pôr em prática essas tecnologias, abrindo um leque de possibilidades de tratamentos inovadores. Esses tratamentos vão servir para os nossos filhos, para o futuro da humanidade. Há, sim, ganhos incalculáveis pautados pela ciência.

Acredita que as pessoas, de uma forma geral, conseguem tirar ensinamentos desta crise?

A gente precisa olhar atentamente para o passado para não repetir erros. O ser humano costuma esquecer rápido depois que a dor e o sofrimento passam. Não à toa estamos vivendo uma guerra, algo inadmissível neste século. Agora, precisamos ter cautela e inteligência para escolhermos nossas lideranças, que precisam tomar as rédeas da situação socioeconômica do nosso país, rever os nossos problemas e agir com mais maturidade e serenidade.